

# Delfim Maya

Escultor do movimento  
O Ribatejo na obra de Delfim Maya



*Delfim Maya*

Escultor do movimento  
O Ribatejo na obra de Delfim Maya

---



CÂMARA MUNICIPAL  
DE VILA FRANCA DE XIRA



MUSEU  
MUNICIPAL



ALMACO

ESTADOS UNIDOS

## **Primeiras abordagens para caracterização da obra gráfica de Delfim Maya**

### **Introdução**

Em Setembro de 2016 o Laboratório de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos (LCRDG) foi solicitado para efectuar a conservação, restauro e acondicionamento de uma colecção gráfica de mais de 50 desenhos e caricaturas do escultor Delfim Maya, pertencentes à sua neta Maria José Maya.

Ao longo dos tempos o desenho tem funcionado como exercício de treino, de estudo, ou base de trabalho às artes da escultura e pintura, e o caso do escultor Delfim Maya é disso paradigmático. Na pequena colecção que nos foi entregue para intervenção de conservação e restauro (e que é apenas uma parte da obra gráfica do artista), constata-se a preferência pela temática hípica, muitas vezes enquadrada num ambiente tauromáquico – cavalos, campinos, touros, arena, charretes – que é acompanhada por um gosto especial pela Caricatura<sup>1</sup> (na linha dos Humoristas Portugueses, iniciada em 1912), e pelo retrato, sobretudo de personagens que com ele tinham contacto ou privavam<sup>2</sup>. Por meio da sua mão e traço – o traço do artista é muito peculiar, fazendo por vezes lembrar Almada Negreiros pela sua simplicidade e firmeza – a Caricatura alcança um estatuto maior, funcionando independente e de moto próprio, para deleite do observador.

No desenvolver deste trabalho demonstrar-se-á como o artista denota, neste conjunto da sua vasta obra gráfica, uma constante necessidade de procura e teste dos materiais a que deita a mão, aproveitando todos os papéis disponíveis, numa enorme variedade de tipologias e origem – portugueses, espanhóis, possivelmente ingleses, e até um cartão italiano. E combina também materiais de registo diversos – grafite, lápis ceroso, tinta da China, tinta ferrogálica, aguarelas e caneta de feltro – misturando-os a seu bel prazer ou conforme a necessidade a que isso eventualmente o obrigava.

### **Caracterização material da obra gráfica de Delfim Maya**

Para caracterização da colecção foi necessário observar visualmente, por meios fotográficos e ao microscópio Dino-Lite, os papéis e materiais de registo componentes dos desenhos e caricaturas.

---

1 Algumas das caricaturas foram divulgadas em acções anteriores. Ver Maya, M.J. [1998].

2 A família Maya manteve um registo de nomes de quase todas as pessoas caricaturadas, embora não sejam directamente mencionados pelo artista na sua obra.

## Os papéis

Esta colecção de desenhos e caricaturas apresenta uma enorme variedade de tipologias de papéis, consensual com a época – século XX – e datas que quatorze das obras ostentam junto à assinatura do artista – 1919, 1930, 1931 e 1934 [ver Tabela nº 1].

Esta diversidade de papéis pode ser observada sob diversos pontos de vista. Um conservador-restaurador está interessado em obter informação que o leve a identificar corretamente a produção manual<sup>3</sup> ou industrial<sup>4</sup> do papel utilizado na obra. Na observação, características como a cor, transparência, opacidade, brilho, mate, revestimento, relevo, espessura, colagem, acabamento de superfície, limites originais de produção da folha, irregularidades à transparência, e existência ou não de marca de água<sup>5</sup> ou contramarca<sup>6</sup>, ajudam para essa identificação de produção, e a uma possível aproximação da data de produção do material ou objecto, bem como a diferentes escolhas dos processos interventivos de conservação e restauro.

Em Portugal a produção de papel desenvolveu-se desde 1411<sup>7, 8</sup>, e a matéria-prima utilizada era o trapo de linho<sup>9</sup>. Os papéis produzidos manualmente apresentam na sua massa a marca da rede do molde que os formam. Essa rede é criada por meio de uma teia e uma trama que se entrelaçam e formam as figuras características das vergaturas<sup>10</sup> e dos pontusais<sup>11</sup>, produzindo assim o papel avergoado<sup>12, 13</sup>.

Dos papéis avergoados observados, ora apresentam vergaturas e pontusais, ora apresentam pontusais e rede. O nº de vergaturas por cm linear e os intervalos entre pontusais são características que também ajudam a definir uma data e local de produção.

Os processos industriais de produção de papel são de uma variedade imensa, podendo também mostrar uma rede criada por um rolo próprio, o *dandy roll*<sup>14</sup>, ou cilindro friccionador. Um bom exemplo é o papel Bond, um papel de carta formado por uma mistura de pastas química e de trapo<sup>15</sup>, e encolado especificamente para impedir a penetração da tinta de escrita<sup>16</sup>. A superfície dos papéis observados na colecção é lisa<sup>17</sup>, polida, texturada ou gofrada<sup>18</sup> (ver Figuras nº 1 e 2).

3 A produção manual de papel na Europa teve início em Xátiva, Espanha, em 1150. ASUNCIÓN, p. 16.

4 A primeira máquina capaz de produzir papel a partir da madeira, apresentada em Paris em 1866. BANDEIRA, p. 35.

5 Ver página 28.

6 No século XVI adicionou-se a muitos papéis uma marca de água secundária, chamada de CONTRAMARCA. Usualmente eram letras pequenas ou números, ou formas simples (como flores ou escudos), e situavam-se num canto da folha de papel, normalmente na metade oposta à marca de água. Atualmente considera-se contramarca aquela mais pequena e menos elaborada aquando se visualizam mais do que uma marca em dois lados opostos de um fólio completo.

7 SANTOS, p. 11.

8 TURNER, p. 116.

9 O processo de fabrico manual é bem descrito em BANDEIRA, p. 25-38.

10 Em inglês *wire lines*; "VERGATURAS – Fios de latão colocados no fundo da forma no processo de fabrico de papel na cuba; na forma os fios longitudinais, as vergaturas, apresentavam-se separados por uma pequena distância, alguns milímetros, e cruzavam-se com os pontusais. Estas linhas cerradas e paralelas aparecem por transparência no papel fabricado deste modo; à medida que o processo de fabrico avança e se vão obtendo papéis mais delicados, a vergatura torna-se cada vez mais fina e cerrada; na época moderna as vergaturas são por vezes obtidas mecanicamente em papéis fabricados em bobina e aos quais se quer dar a aparência de papel antigo." In FÁRIA et al., p. 1229.

11 Em inglês *chain lines*; "PONTUSAIS – [...]; na forma os fios transversais, os pontusais apresentavam-se separados por vários centímetros. Linhas claras e espaçadas que aparecem à transparência no papel manual e que cortam perpendicularmente as vergaturas." In FÁRIA et al., p. 983.

12 FÁRIA et al., p. 918-9.

13 Também e ainda designado comumente por *vergé*. Idem, p. 925 e p. 932.

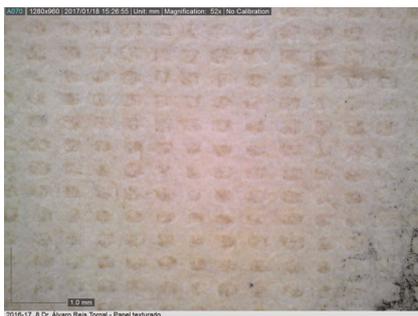
14 O *dandy roll* foi inventado em 1826 por John Marshall. BROWNING, p. 13-14.

15 FÁRIA et al., p. 919.

16 TURNER, p. 69.

17 "PAPEL VELINO – Papel com ausência de filigrana, liso e compacto, imitando o pergaminho fino de vitela, feito sobretudo a partir de pasta de trapo; o seu fabrico foi iniciado em Birmingham, em meados do século XVIII, por John Baskerville; por analogia denomina-se velino todo o papel bom, de forma, sem grão e não sendo *vergé*." In FÁRIA et al., p. 932.

18 "PAPEL GOFRADO – Papel que recebeu um desenho em relevo, normalmente por pressão de um rolo ou de uma placa gravadora." In FÁRIA et al., p. 925.



Figuras nº 1 e 2. Microfotografias (aumento 52 x) da superfície do papel da obra nº 6 Dr. Álvaro Reis Torgal, o único que mostra textura gofrada do papel. Sob luz LED e luz rasante, respectivamente. Obtidas com o microscópio Dino-Lite AD7013MZT(R4). © Leonor Loureiro.

Das obras analisadas, o nº 35 Abecedário Tauromáquico, um desenho a grafite e aguarela sobre cartão, apresenta no verso uma etiqueta autocolante carimbo “Pietro Miliani Fabbrica di Carte a Mano FABRIANO N.º 565”, confirmando-nos assim a sua origem italiana.

### As marcas de água

A marca de água, também designada por filigrana, é um desenho translúcido mais claro que aparece no papel quando este é visto à transparência. É criada por meio de um fio metálico que se entrecruza na rede do molde, geralmente a meio da altura e a  $\frac{3}{4}$  transversalmente no fôlio, e que pela sua espessura “imprime” a sua forma na folha de papel encharcada ou húmida aquando da sua produção. As linhas mais claras assim formadas caracterizam-se por terem menor quantidade de fibras que a espessura da folha.

Surgiu por volta de 1282<sup>19</sup> <sup>20</sup> pela Fabriano, Itália, tendo-se desenvolvido posteriormente em formas extremamente elaboradas<sup>21</sup> – motivos florais, heráldica, escudos, instrumentos, nome do fabricante, monogramas, etc.<sup>22</sup> – de notável valor artístico. Passa assim a ser um dos principais elementos identificativos do papel no que respeita à qualidade, gramagem, origem e medidas da folha, entre outros aspectos. A marca de água pode ser considerada “gémea” em duas circunstâncias: a) vários papéis podem apresentar marcas de água em tudo semelhantes<sup>23</sup>, mas não 100 % iguais devido à sua elaboração manual única em cada molde; ou b) numa mesma folha de papel pode aparecer a mesma marca de água repetida, um par correspondente entre si, característica de um papel de fabrico industrial.

Aparecem nesta colecção diversas marcas de água, tanto em papel manual como industrial. A recolha da informação foi executada por meios fotográficos e por decalque manual directo em papel vegetal de arquitecto<sup>24</sup> <sup>25</sup>, ambos à luz transmitida. Dos papéis observados à transparência, quatorze (ver Tabela nº 1) demonstram possuir marcas de água completas ou parcelares (ver Figuras nº 3 a 16). Por vezes a marca de água apresenta-se cortada, ou com leitura não permitida pela opacidade criada pelos materiais de registo utilizados pelo artista. Como nenhuma folha de papel tem as dimensões completas de fabrico, essas marcas de água são consideradas “fragmentos”<sup>26</sup> e não completas. A obra nº 29 Galgos é a excepção: apresentando uma folha com as dimensões 44 x 31,8 cm, ostenta uma marca de água bastante elaborada típica da Fábrica Porto Cavaleiros.

19 TURNER, p. 16.

20 FARIA et al., p. 804.

21 “Inicialmente, os símbolos usados não designavam, explicitamente, os seus proprietários. Só à medida que a indústria se desenvolve, trazendo consigo a concorrência comercial, é que se assiste à necessidade de personalizar essa marca de água.” In BANDEIRA, p. 40.

22 IPH – Standard 2.1.1 (2013), p. 10.

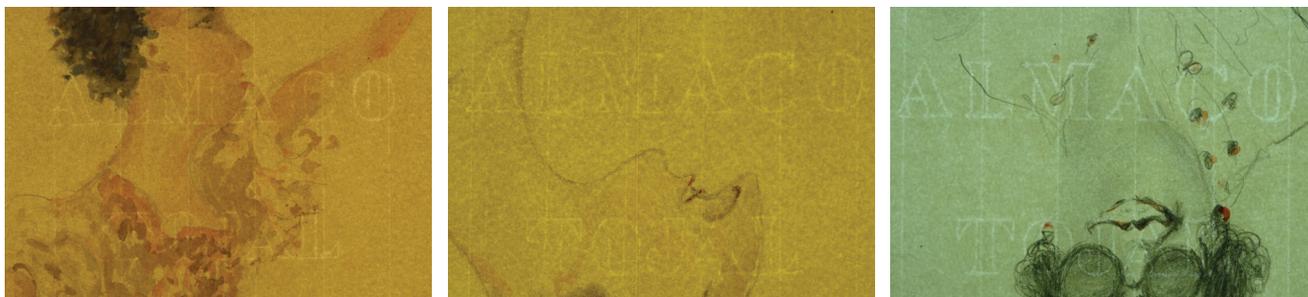
23 No papel manual, o artesão que fabrica o papel trabalha com dois moldes com a mesma marca de água: um recentemente mergulhado na polpa está a escorrer, enquanto que uma folha recentemente formada está a ser removido do outro. Daí as filigranas gémeas, uma em cada molde. NICHOLSON, “Making Watermarks Meaningful”, The Book and Paper Group Annual, vol. 1.

24 Técnicas assaz utilizadas e indicadas pelo IPH – Standard 2.1.1 (2013), p. 8.

25 NICHOLSON, “Making Watermarks Meaningful”, The Book and Paper Group Annual, vol. 1. Outros meios de recolha podem ser a fotografia por contacto directo, a fotografia UV, a reprodução por radiografia, por raios-Beta, e por radiografia electrónica.

26 IPH – Standard 2.1.1 (2013), p. 3.

No total temos sete papéis com marcas de água de origem portuguesa, com as referências a papéis Almaço<sup>27</sup> Tojal<sup>28</sup> (Loures, Lisboa), Tomar, Porto Cavaleiros (“P.Cav.os.”, ou “PC”), e Prado (“CCP”, Companhia de Papel do Prado)<sup>29</sup> (ver Figuras nº 3 a 9).



Figuras nº 3, 4 e 5. Marca de água portuguesa “ALMAÇO TOJAL” em duas linhas, de papel Almaço da Fábrica de Papel Abelheira, Tojal, ostentada nas caricaturas nº 4 Maria Teresa Magalhães, nº 5 Maruchen ou M.ª José Espírito Santo, e nº 8 M.ª Luísa Monteiro. Todos os papéis são avergoados, apresentando pontusais distando 2,8 cm entre si e com rede. Estas marcas são consideradas “gêmeas”, pois são semelhantes, mas não 100 % iguais devido à sua elaboração manual única em cada molde. Fotografias à luz transmitida. © Tatiana da Costa Brás.



Figuras nº 6, 7 e 8. Diferentes marcas de água e contramarca portuguesas de papel Almaço da Fábrica de Papel Porto de Cavaleiros em Tomar, ostentadas pelas caricaturas nº 10 Sem título [Mulher] – papel avergoado com marca de água Brasão com Cruz de Cristo e “THOMAR”, pontusais (distando 3 cm entre si) e rede –, nº 22 Militar – marca de água “ALMAÇO” e “P.CAV.os” em duas linhas, pontusais (distando 2,7 cm entre si) e rede –, e nº 29 Galgos – marca de água três ramos de oliveira e laçada e “Thomar”, e contramarca “ALMAÇO”, “P.C.”, “P.CAV.os” em três linhas, pontusais (distando 2,9 cm entre si) e rede. Fotografias à luz transmitida. © Tatiana da Costa Brás.

27 Almaço (ou Almasso, antes da reforma ortográfica de 1911). “PAPEL ALMAÇO – papel grosso, branco ou levemente azulado, que serve para documentos, registos, livros de contabilidade, etc. Diz-se do formato peculiar a esse papel (330 x 440 mm), cuja folha dobrada ao meio dá as dimensões exigidas para os papéis destinados à correspondência oficial.” In FARIA et al., p. 918.

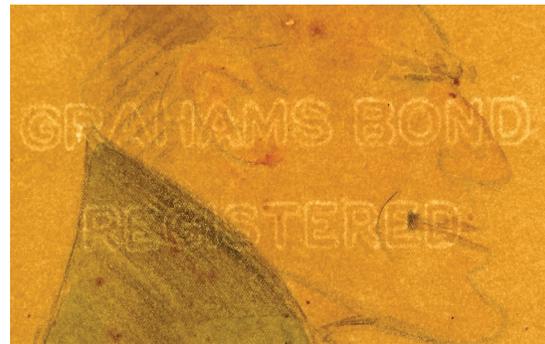
28 “Fábrica de Papel da Abelheira, Tojal, Loures, fundada em 1841, no lugar do antigo moinho de papel de 1755 dos frades de S. Vicente de Fora”. URL: <http://www.museodopapel.org/pagina,10,12.aspx>. Consultado a 27-01-2017. Actualmente fábrica de papel Fapajal. URL: <http://www.fapajal.pt/a-fapajal/>. Consultado a 27-01-2017.

29 Estas três últimas marcas de água provêm de fábricas de papel situadas em Tomar; a única ainda existente é a Fábrica Karton Prado, S.A. “A fábrica de Papel do Prado, em Tomar, junto do rio Nabão, foi fundada por Henrique de Roure Pietra em 1836 e vendida em 1875 a um grupo de capitalistas do Porto. Dirigida por José Joaquim de Paula, produzia anualmente 25 mil Kg de papel.”. In BANDEIRA, p. 56.



Figura nº 9. Marca de água característica do papel almaço da Companhia Papel do Prado, Tomar – Esfera Armilar com brasão central e iniciais CPP entrelaçadas, "ALMAÇO" e "PRADO" em linhas diferentes, e pontusais (distando 3 cm entre si) e rede – ostentada pelo desenho nº 30 Auto-retrato. © Tatiana da Costa Brás.

Destas marcas de água é possível que as folhas das obras nº 10 Sem título (Mulher) e nº 22 Militar sejam metades do mesmo fólio: as características observáveis são idênticas a um fólio do Museu do Papel<sup>30</sup> e a técnica de desenho e deterioração material apresentada é semelhante em ambas. É de notar que, das marcas de água encontradas, seis são possivelmente de origem inglesa<sup>31</sup> (ver Figuras nº 10 a 15). A confirmar-se este facto, não deixa de ser curioso, pela circunstância de Delfim Maya<sup>32</sup> nunca ter pisado solo britânico.



Figuras nº 10 e 11. Marca de água "GRAHAMS BOND REGISTERED"<sup>33</sup> em duas linhas e repetida 2x no papel sem pontusais e com rede. Ostentada nas caricaturas nº 2 Conde das Galveias e nº 9 Dr. José Duffner. Fotografias à luz transmitida. © Tatiana da Costa Brás.

30 O sítio do Museu do Papel apresenta uma marca de água em tudo idêntica. <http://www.museudopapel.org/pagina,16,17.aspx>. Consultado em 29-01-2017.

31 O facto de a marca de água se apresentar na língua inglesa não quer dizer que não possa ter sido de fabrico Português. Será necessária mais investigação para confirmar sem sombra de dúvida as fábricas de origem destas marcas de água.

32 Assim, caso se confirme a origem inglesa destes papéis, leva-nos a crer que estes lhe chegaram à mão por herança ou oferta. Sabemos que a família materna de sua mulher, Augusta Gustava Peile da Costa, tem ascendência inglesa, daí poder ter obtido por herança folhas ou sobras de papel carta Bond e outros.

33 Possível origem de produção: a) inglesa, Reino Unido; b) americana, da Graham Paper Company, fundada por Henry Brown Graham em 1855 em St. Louis, no Missouri, e desde 1996 é Unisource Worldwide; c) portuguesa, possivelmente por ser uma tipologia de papel, uma encomenda, ou para exportação. Curiosamente, segundo PIZZARRO, p. 531, esta marca de água serve de suporte de forma praticamente exclusiva a textos de Fernando Pessoa datados ou datáveis de 1931.



Figuras nº 12 e 13. A marca de água "GRAHAMS BANKPOST"<sup>34</sup> com o formato circular como de um cinto e fivela se tratasse, em papel avergoado (11 vergaturas por cm, e pontuais distando 1,8 cm entre si), é ostentada pela caricatura nº 13 Conde de Pinhel. A marca de água "ORIGINAL G A BANK POST" numa linha semelhante a caligrafia, apresentando uma estrela de cinco pontas sobre as iniciais G e A, em papel liso, é ostentada pelo desenho nº 32 Sem título. Fotografias à luz transmitida. © Tatiana da Costa Brás.



Figuras nº 14 e 15. Marca de água "ORIGINAL EXTRA STRONG" em duas linhas (repetindo-se 2x), em papel sem pontuais e com rede, ostentada por nº 36 Cenas de toureiro e por nº 31 Sem título (Cavaleiro ferrando o touro). Fotografias à luz transmitida. © Tatiana da Costa Brás.

34 Idem.

Somente uma marca de água espanhola foi encontrada (ver Figura nº 16), embora dois outros desenhos possuam papel atribuído a fabrico espanhol pelas impressões tipográficas em ambos exibidas: “Hotel de Inglaterra, Plaza San Fernando, Sevillha. Dirección Telegráfica: Inglaterra.”<sup>35</sup>



Figura nº 16. Marca de água espanhola “GVARRO”<sup>36</sup>, em papel avergoado (7 vergaturas por cm, e pontusais distando 2,4 cm entre si), ostentada pela caricatura nº 26 Satúrio Pires. Fotografia à luz transmitida. © Tatiana da Costa Brás.

### **Os materiais de registo utilizados e as assinaturas**

Nesta obra gráfica analisada, composta por um total de 53 peças – caricaturas, retratos, desenhos de temática hípica e tauomáquica e outros – foi possível constatar que os materiais de registo utilizados vão desde a simples grafite, à mistura de materiais como a aguarela, o lápis de cor e a sanguínea, passando pelo desenho a aparo a tinta da China, tinta ferrogálica e tinta vermelha, e finalizando com caneta de feltro, evidenciada em algumas assinaturas.

Curiosamente, somente 35 desenhos e caricaturas apresentam assinaturas: “Mifled”<sup>37</sup> ou “Delfim Maya”. Destes, somente quatorze estão datados: onze, mais antigos, apresentam assinatura “Mifled” – um com data de “919”, outro com data de “1930”, e os restantes nove com data de “1931” (ver Tabela nº 1); os três assinados em 1934 já apresentam a assinatura “Delfim Maya”.

---

35 As obras nº 27 Sevilhana e nº 37 D. António Cañero apresentam o mesmo papel e a mesma impressão no verso, e levam a pressupor que tenham origem no mesmo caderno.

36 O moinho de papel Guarro Casas foi fundado em 1698 por Ramon Guarro em La Torre de Claramunt (Catalunha). Actualmente chama-se Guarro Casas Fabrica Papel. URL: <http://www.guarrocasas.com/>.

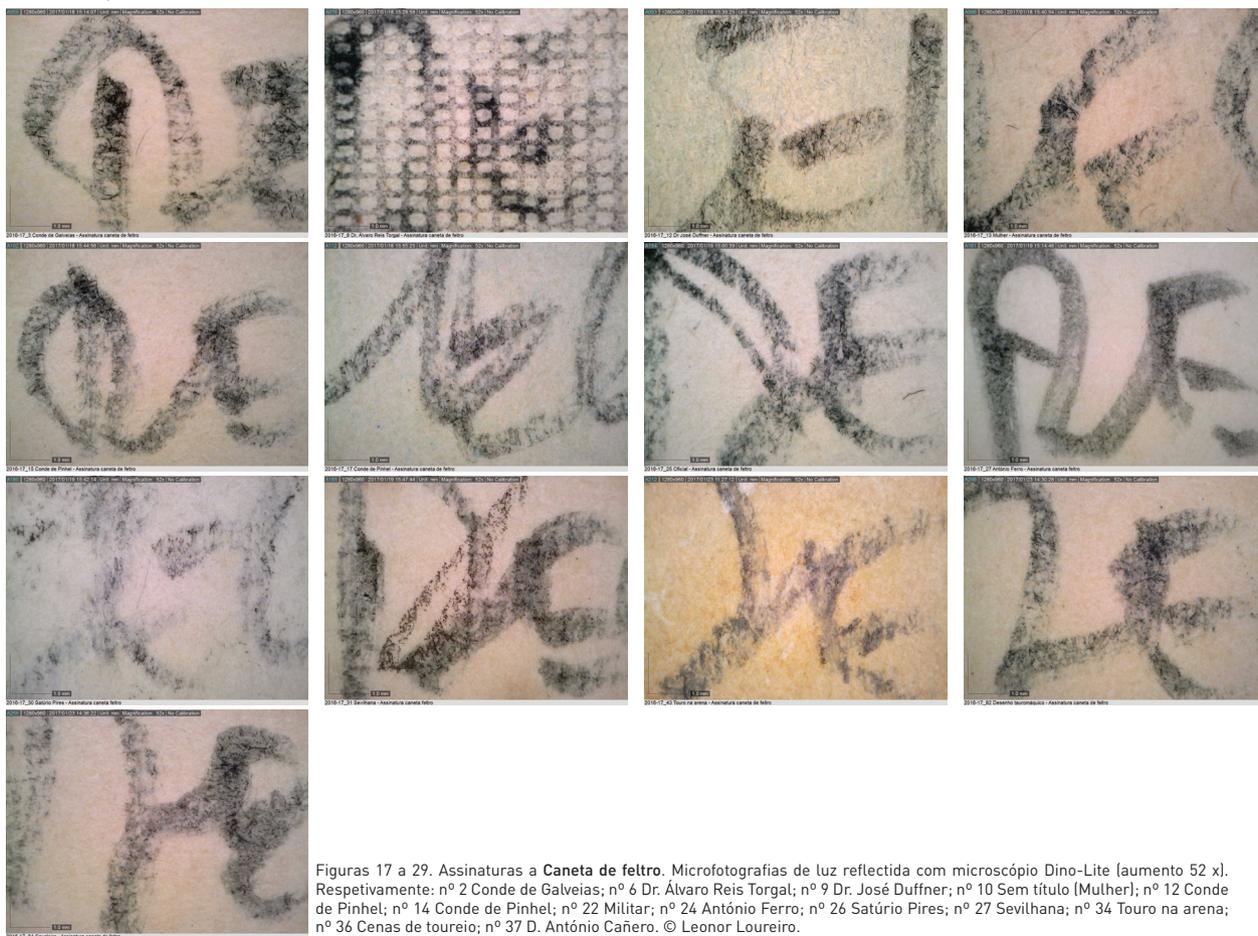
37 “Mifled” é Delfim escrito do fim para o princípio.

Tabela nº 1 – Lista das obras assinadas – Mifled ou Delfim Maya – e/ou com marca de água, e respectivo resumo dos materiais de registo, bem como do material utilizado na assinatura					
N.º IPT	Descrição	Materiais de registo	Marca de Água	Assinatura / data	Assinatura (material)
1	<b>Visconde de Cabrela.</b>	Grafite e aguarela		Mifled Maio 1931	Grafite
2	<b>Conde das Galveias.</b>	Grafite	Sim	Delfim Maya	Caneta de feltro
3	<b>Fausto de Albuquerque.</b>	Caneta de aparo a Tinta da China		Mifled 1930	Tinta da China
4	<b>Maria Teresa Magalhães.</b>	Grafite e aguarela	Sim	Delfim Maya 1934 Julho 14	Aguarela
5	<b>Maruchen (?) ou M.ª José Espírito Santo.</b>	Grafite e aguarela	Sim	Delfim Maya 1934 Julho 14	Aguarela
6	<b>Dr. Álvaro Reis Torgal.</b>	Grafite		Delfim Maya	Caneta de feltro
7	<b>Virgínia Vitorino.</b>	Grafite e aguarela		Mifled Maio 1931	Aguarela
8	<b>Mª Luísa Monteiro.</b>	Grafite, esfuminho e aguarela	Sim	Delfim Maya 934	Grafite
9	<b>Dr. José Duffner.</b>	Grafite, aguarela e lápis de cera (?)	Sim	Delfim Maya	Caneta de feltro
10	<b>Sem título. (Mulher)</b>	Grafite, aguarela e lápis de cera	Sim	Delfim Maya	Caneta de feltro
11	<b>Dr. Oliveira Monteiro. “Os Leões”.</b>	Grafite e aguarela		Mifled Maio 1931	Grafite
12	<b>Conde de Pinhel.</b>	Aguarela e caneta de aparo a Tinta da China		Delfim Maya	Caneta de feltro
13	<b>Conde de Pinhel.</b>	Grafite, caneta de aparo e aguada	Sim		
14	<b>Conde de Pinhel.</b>	Aguarela e caneta de aparo a Tinta da China		Delfim Maya	Caneta de feltro
15	<b>Conde de Pinhel.</b>	Grafite e aguarela		Mifled 1931 Dezº	Tinta da China
16	<b>D. Diogo Passanha.</b>	Grafite e aguarela		Mifled 931	Tinta da China
17	<b>M.ª Adelaide de Lima Cruz.</b>	Grafite e aguarela		Mifled Maio 1931	Grafite e Aguarela
18	<b>Sem título. (Campinos)</b>	Caneta de aparo a tinta vermelha		Delfim Maya	Tinta vermelha
19	<b>Marechal Gomes da Costa.</b>	Aguada, grafite e pincel a tinta preta		Delfim Maya	Aguarela

20	<b>Conde de Calhariz.</b>	Sanguínea	Vergatu- ras	Mifled 919	Sanguínea
21	<b>Samuel Santos Jorge.</b>	Grafite e esfuminho		Mifled Maio 1931	Grafite
22	<b>Militar.</b>	Grafite, aguarela e lápis de cera	Sim	Delfim Maya	Caneta de feltro
23	<b>Ten. Carvalho Nunes.</b>	Grafite		Mifled 1931	Grafite
24	<b>António Ferro.</b>	Grafite		Delfim Maya	Caneta de feltro
25	<b>Aviador. (Ribeiro da Fonseca?)</b>	Grafite		Mifled 931	Grafite
26	<b>Satúrio Pires.</b>	Grafite	Sim	Delfim Maya	Caneta de feltro
27	<b>Sevilhana.</b>	Grafite e caneta de aparo a Tinta Ferrogálica		Delfim Maya	Caneta de feltro
28	<b>D. António Cañero.</b>	Grafite e aguada		Mifled	Tinta Ferrogálica
29	<b>Galgos</b>	Grafite e lápis de cor	Sim		
30	<b>Auto-retrato</b>	Grafite	Sim		
31	<b>Sem título. (Cavaleiro ferrando o touro)</b>	Aguada e caneta de aparo a Tinta da China	Sim	Delfim Maya	Tinta da China
32	<b>Sem título.</b>	Caneta de aparo, tinta ferrogálica e aguada	Sim		
33	<b>Sem título. (Campino cavaleiro atrás do touro)</b>	Caneta de aparo a Tinta da China		Delfim Maya	Tinta da China
34	<b>Touro na arena.</b>	Aguarela e caneta de aparo a Tinta da China		Delfim Maya	Caneta de feltro
35	<b>“Abecedário Tauromáquico” Verso: Pega do touro.</b>	Grafite e aguarela (verso: grafite)		Delfim Maya	Grafite
36	<b>Cenas de Toureio (3 no mesmo papel).</b>	Caneta de aparo a Tinta da China	Sim	Delfim Maya	Caneta de feltro
37	<b>D. António Cañero.</b>	Grafite e caneta de aparo a Tinta Ferro- gálica		Delfim Maya	Caneta de feltro
38	<b>Sem título. (Campinos e manada)</b>	Aguarela e caneta de aparo a Tinta da China		Delfim Maya	Aguada e Tinta da China
39	<b>Sem título. (Campino cavaleiro atrás do touro)</b>	Caneta de aparo a Tinta da China		Delfim Maya	Tinta da China

A acrescentar a esta particularidade, a assinatura é surpreendente e constantemente diferente: sete obras estão assinadas a grafite; treze a caneta de feltro; sete a tinta da China<sup>38</sup>; quatro a aguarela; uma a aguarela e grafite simultaneamente; uma a sanguínea<sup>39</sup>; uma a tinta vermelha de escrita a aparo; e uma a tinta ferrogálica<sup>40</sup>.

Comparando os materiais das obras e os materiais das assinaturas, apercebemo-nos que nem sempre o artista assinava de imediato a sua obra, pois nem sempre os materiais da obra e da assinatura se conjugam. Isto ocorre em especial nos casos de assinatura a caneta de feltro, pois nunca foi utilizada em nenhum dos desenhos e caricaturas a não ser para este fim, levando a crer que as assinaturas são posteriores e todas da mesma época: a cor da caneta de feltro utilizada é já muito desgastada pelo uso, e é semelhante em todas as treze obras onde foi aposta (ver Figuras 17 a 29). As imagens seguintes, todas à mesma escala, ilustram a variedade de assinaturas e materiais de registo que a colecção gráfica apresenta.



Figuras 17 a 29. Assinaturas a **Caneta de feltro**. Microfotografias de luz reflectida com microscópio Dino-Lite (aumento 52 x). Respetivamente: nº 2 Conde de Galveias; nº 6 Dr. Álvaro Reis Torgal; nº 9 Dr. José Duffner; nº 10 Sem título (Mulher); nº 12 Conde de Pinhel; nº 14 Conde de Pinhel; nº 22 Militar; nº 24 António Ferro; nº 26 Satúrio Pires; nº 27 Sevilhana; nº 34 Touro na arena; nº 36 Cenras de toureiro; nº 37 D. António Cañero. © Leonor Loureiro.

38 "TINTA DA CHINA – Pigmento originário da China, que tem por base o negro-de-fumo e uma solução gomosa, à qual se juntam alguns ingredientes como cânfora de Bornéu e almíscar em pó. Tinta de Nanquim. Tinta de Cantão." In FARIA et al., p. 1189.

39 "SANGUÍNEA – Desenho executado a partir de lápis, barra ou pó à base de argila ferruginosa, permitindo vários tons de vermelho." In FARIA et al., p. 1106.

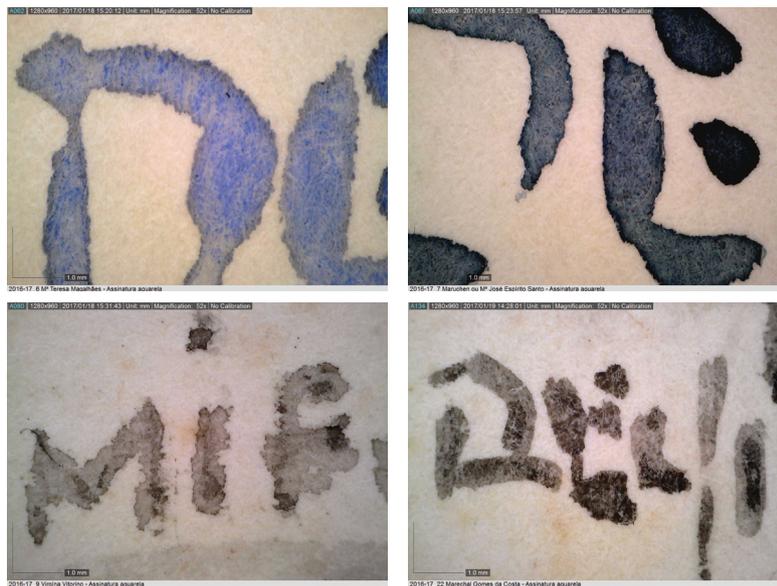
40 "TINTA FERROGÁLICA – Tinta obtida pela combinação de sais metálicos (o sulfato, cobre ou ferro) com taninos vegetais (casca de árvores, noz-de-galha, etc.), um solvente e um aglutinante". In FARIA et al., p. 1189.



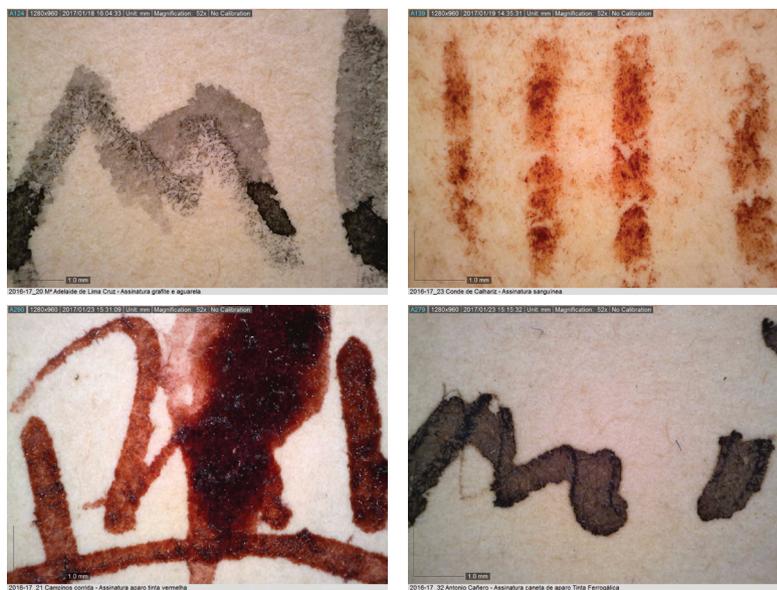
Figuras 30 a 36. Assinaturas a Grafite. Microfotografias de luz reflectida com microscópio Dino-Lite (aumento 52 x). Respectivamente: nº 1 Visconde de Cabreia; nº 8 M<sup>a</sup> Luísa Monteiro; nº 11 Dr. Oliveira Monteiro; nº 21 Samuel Santos Jorge; nº 23 Tenente Carvalho Nunes; nº 25 Aviador; nº 35 Abecedário Tauromáquico. © Leonor Loureiro.



Figuras 37 a 43. Assinaturas a Tinta da China. Microfotografias de luz reflectida com microscópio Dino-Lite (aumento 52 x). Respectivamente: nº 3 Fausto de Albuquerque; nº 15 Conde de Pinhel; nº 16 D. Diogo Passanha; nº 31 Sem título (Cavaleiro ferrando o touro); nº 33 Sem título (Campino cavaleiro atrás do touro); nº 38 Sem título (Campino e manada; aguada e tinta da China); nº 39 Sem título (Campino cavaleiro atrás do touro). © Leonor Loureiro.



Figuras 44 a 47. Assinaturas a **Aguarela**. Microfotografias de luz reflectida com microscópio Dino-Lite (aumento 52 x). Respectivamente: nº 4 M<sup>a</sup> Teresa Magalhães; nº 5 Maruchen ou M<sup>a</sup> José Espírito Santo; nº 7 Virgínia Vitorino; nº 19 Marechal Gomes da Costa. © Leonor Loureiro.



Figuras 48 a 51. Assinaturas respectivamente a: **Aguarela e grafite** – nº 17 M<sup>a</sup> Adelaide de Lima Cruz; **Sanguínea** – nº 20 Conde de Calhariz; **Tinta vermelha** (caneta de aparo) – nº 18 Sem título (Carpinos); **Tinta ferrogálica** (caneta de aparo) – nº 28 D. António Cañero. Microfotografias de luz reflectida com microscópio Dino-Lite (aumento 52 x). © Leonor Loureiro.

## Conclusão e próximos desenvolvimentos

A obra gráfica de Delfim Maya é vasta e muitíssimo diversificada sob diversos pontos de vista – histórico, artístico, material e outros. É um manancial de informação à espera de ser descoberto.

Este estudo pretendeu ser uma primeira abordagem de exame e análise. As informações recolhidas durante os trabalhos de conservação e restauro pretendem ser um contributo útil a conservadores-restauradores, historiadores de arte, arquivistas e bibliotecários, investigadores e público em geral. Será necessário dar continuidade a este estudo em várias frentes distintas: a) confirmação de origem de algumas das marcas de água; b) inclusão de informação obtida em bases de dados de marcas de água internacionais; c) microanálise das fibras constituintes dos papéis observados, de modo a obter-se informação sobre a constituição fibrosa; d) um estudo exaustivo ao nível da obra gráfica dispersa pela família, herdeiros, colecionadores e museus, de modo a que os conhecimentos obtidos possibilitem uma visão mais abrangente sobre este artista.

## Referências bibliográficas

ASUNCIÓN, Josep. "O Papel. Técnicas e métodos tradicionais de fabrico". Coleção Artes e Ofícios. Lisboa: Editorial Estampa. 2002. ISBN 972-33-1765-6.

BANDEIRA, Ana Maria Leitão. "Pergaminho e Papel em Portugal. Tradição e Conservação". Lisboa: Celpa - Associação da Indústria Papeleira. 1995. ISBN: 9789729067228.

BROWNING, B.L. "Analysis of Paper". New York: Marcel Dekker, Inc. 1969. ISBN-13: 978-0824764081.

CUNHA, Manuel Barão e Marques, F.M. (coord.). Delfim Maya. Câmara Municipal de Oeiras-Livraria-Galeria Municipal Verney. Oeiras. 2004. ISBN 989-608-004-6.

FARIA, Maria Isabel e Pericão, Maria da Graça. "Dicionário do Livro. Da escrita ao livro electrónico". Coimbra: Almedina. 2008. ISBN 978-972-40-3499-7.

HORTAL, Jose A. Garcia. "Constituyentes fibrosos de pastas y papeles. Morfología, analisis microscópico". Escuela Tecnica Superior de Ingenieros Industriales de Terrassa. 1998. ISBN: 9788460086581.

HUNTER, Dard. "Papermaking: The History and Technique of an Ancient Craft". Reprint N.Y.: Dover Publications. 2011. ISBN-13: 978-0486236193.

IPH - International Association of Paper Historians. "International Standard for the Registration of Papers with or without Watermarks". Standard 2.1.1 (2013). Consultado a 29 Janeiro 2017. URL: [http://www.paperhistory.org/Standards/IPHN2.1.1\\_es.pdf](http://www.paperhistory.org/Standards/IPHN2.1.1_es.pdf).

MAYA, Maria José (coord). "Delfim Maya". Lisboa: Inapa. 1998. ISBN 972-8387-26-1.

NICHOLSON, Kitty. "Making Watermarks Meaningful: Significant Details in Recording and Identifying Watermarks". The Book and Paper Group Annual, vol. 1. 1982. Consultado a 29 Janeiro 2017. URL: <http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/annual/v01/bp01-18.html>.

PIZARRO, Jerónimo (2010). "Estudo", Livro do Desasocego. Ed. Jerónimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 517-605.

SANTOS, Maria José Ferreira dos. "Marcas de água e história do papel", Cultura [Online], Vol. 33 | 2014, posto online no dia 23 Março 2016, consultado a 29 Janeiro 2017. URL: <http://cultura.revues.org/2334> ; DOI: 10.4000/cultura.2334.

TURNER, Silvie. "Which Paper". London: estamp. 1991. ISBN 1-871831-04-0.

## Agradecimentos

À Dr.ª Maria José Maya, pela oportunidade e permissão na observação e análise desta colecção pelo Laboratório de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos do Instituto Politécnico de Tomar e suas alunas.

Às alunas do Mestrado em Conservação e Restauro, especialidade em Documentos Gráficos, pela dedicação e empenho demonstrado dentro e fora de aulas na intervenção desta colecção: Maria Beatriz Sousa, Catarina Macedo, Laetitia Jorge da Silva, Luciana Barros, Mila Gorny, Tatiana da Costa Brás, e Vanessa Lopes.

A André Miragaia, aluno da Licenciatura em Conservação e Restauro, pelo trabalho voluntário no acondicionamento das peças para as exposições agendadas.

Às alunas da Licenciatura em Fotografia, Ana Sofia Sousa e Beatriz Areias, e ao Gonçalo Figueiredo, Técnico Superior em Fotografia, pelo apoio dado na recolha fotográfica final.

À Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e sua equipa, pela divulgação deste trabalho.

Nota: a autora escreve de acordo com a anterior grafia.

# ÍNDICE

**ALBERTO MESQUITA | PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA 3**

**DELFIN MAYA: UM MISTO CONSTANTE DE BELEZA E MOVIMENTO 5**

MARIA AMÉLIA GONÇALVES, IDALINA MESQUITA, JOANA ALMEIDA, MARIA JOSÉ MAYA  
CURADORAS

**DELFIN MAYA: O ETERNO CAVALEIRO ESCULTOR 9**

CRISTINA AZEVEDO TAVARES  
PROFESSORA ASSOCIADA NA FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

**O MEU AVÔ DELFIN MAYA 17**

MARIA JOSÉ MAYA

**PRIMEIRAS ABORDAGENS PARA A CARACTERIZAÇÃO DA OBRA GRÁFICA DE DELFIN MAYA 25**

LEONOR DA COSTA PEREIRA LOUREIRO  
CONSERVADORA-RESTAURADORA. DOCENTE DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE TOMAR

**CRONOLOGIA 39**

MARIA JOSÉ MAYA

**CATÁLOGO 50**

**OUTRAS EXPOSIÇÕES COMEMORATIVAS DOS 130 ANOS DO NASCIMENTO DE DELFIN MAYA 127**

**EXPOSIÇÃO DO MUSEU MILITAR 129**

---

**DELFIN MAYA – ESCULTOR IBÉRICO**

MARIA JOSÉ MAYA  
CURADORA DA EXPOSIÇÃO DO MUSEU MILITAR

**EXPOSIÇÃO DO MUSEU JOSÉ MALHOA 139**

**DELFIN MAYA – ESCULTOR DE VANGUARDA**

CARLOS COUTINHO  
CURADOR DA EXPOSIÇÃO DO MUSEU JOSÉ MALHOA

## EXPOSIÇÃO

### ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
Museu Municipal  
de Vila Franca de Xira

### VICE-PRESIDENTE

**DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE VILA FRANCA DE XIRA**  
Fernando Paulo Ferreira

Março de 2017

### COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Faria Roque

### CURADORIA

Amélia Gonçalves  
Idalina Mesquita  
Joana Almeida  
Maria José Maya

### INVESTIGAÇÃO, SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL

Amélia Gonçalves  
Idalina Mesquita  
Joana Almeida  
Maria José Maya

### MUSEOGRAFIA E PRODUÇÃO

Amélia Gonçalves  
Idalina Mesquita  
Joana Almeida

### PLANEAMENTO E LOGÍSTICA

Amélia Gonçalves  
Henrique Mendes  
Idalina Mesquita  
Inês Rodrigues  
Joana Almeida  
João Miguel Salgado  
João Pimenta  
Nelson Gonçalves

### CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Amélia Gonçalves  
Joana Almeida  
João Miguel Salgado  
Leonor Loureiro

### DESIGN

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO  
MUNICIPAL E RELAÇÕES PÚBLICAS |  
SETOR DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA  
Dulce Munhoz

### IMPRESSÃO, CORTE

**E APLICAÇÃO DE VINIL**  
DIVISÃO DE INFORMAÇÃO  
MUNICIPAL E RELAÇÕES PÚBLICAS |  
SETOR DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA  
Hélder Dias  
Miguel Oliveira

### DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS

DIVISÃO DE CULTURA, TURISMO,  
PATRIMÓNIO E MUSEUS  
Amélia Gonçalves  
Joana Almeida  
DIVISÃO DE INFORMAÇÃO MUNICIPAL  
E RELAÇÕES PÚBLICAS | SETOR DE  
DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA  
Dulce Munhoz  
Hélder Dias

### MONTAGEM

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E  
CULTURA  
DIVISÃO DE CULTURA, TURISMO,  
PATRIMÓNIO E MUSEUS | MUSEU  
MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA  
Amélia Gonçalves  
Idalina Mesquita  
Inês Rodrigues  
Joana Almeida  
José Araújo  
DEPARTAMENTO DE OBRAS,  
VIATURAS E INFRAESTRUTURAS  
José António Soares  
CARPINTARIA  
Edgar Lúcio  
Gilberto Martins  
José Travassos  
Manuel Moleiro  
Vitalino Lopes  
ELECTRICIDADE  
Guilherme Rómulo  
José Fernandes  
PINTURA  
António Costa  
Mário Luís  
Ricardo Pereira

### SECRETARIADO

Anabela Fernandes  
Célia Silva

### SERVIÇO EDUCATIVO

Ana Serra  
Paulo Silva  
Margarida Casaleiro  
Tânia Cravo

### RECEÇÃO

Inês Rodrigues  
João Paulo Vieira  
Nelson Gonçalves

### COMUNICAÇÃO

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO  
MUNICIPAL E RELAÇÕES PÚBLICAS  
Cláudio Lotra  
Carla Coquenim

### CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Amélia Gonçalves  
Gonçalo Figueiredo  
Margarida Ramalho  
Ricardo Caetano

### CEDENCIA DE DOCUMENTOS, OBJETOS E IMAGENS

Câmara Municipal de Benavente  
Direção Geral  
do Património Cultural  
Herdeiros de Delfim Maya  
José da Câmara  
Herdeiros de José Pereira Palha  
Manuel da Câmara  
Maria José Maya  
Maria Teresa Burnay de Almeida  
Bello Eugénio de Almeida  
Maria Teresa da Câmara Parreira  
de La Cerda  
Mariana Palha  
Museu Municipal  
de Vila Franca de Xira  
Palácio do Infantado  
Turf Club

### SEGUROS

Companhia de Seguros Allianz  
Portugal, S.A.

### AGRADECIMENTOS

A Câmara Municipal de Vila Franca  
de Xira e o Museu Municipal  
agradecem a todos os que de  
algum modo contribuíram para  
este projeto expositivo.

### HORÁRIO DA EXPOSIÇÃO

3ª a domingo, das 9h às 17h30  
Encerra às segundas-feiras  
e feriados

---

## CATÁLOGO

---

### EDIÇÃO

Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
Museu Municipal  
de Vila Franca de Xira

Março de 2017

### COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Faria Roque

### ORGANIZAÇÃO

#### E COORDENAÇÃO EDITORIAL

Amélia Gonçalves  
Idalina Mesquita  
Inês Rodrigues  
Joana Almeida

### TEXTOS

Alberto Mesquita  
Amélia Gonçalves  
Carlos Coutinho  
Cristina Azevedo Tavares  
Idalina Mesquita  
Joana Almeida  
Leonor Loureiro  
Maria José Maya

### DESIGN E PAGINAÇÃO

Dulce Munhoz

### FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO

#### E TRATAMENTO DE IMAGENS

DIVISÃO DE CULTURA, TURISMO,  
PATRIMÓNIO E MUSEUS | MUSEU  
MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

Amélia Gonçalves  
Joana Almeida

#### DIVISÃO DE INFORMAÇÃO

MUNICIPAL E RELAÇÕES PÚBLICAS |  
SETOR DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA

Dulce Munhoz

Hélder Dias

Ricardo Caetano

### PRODUÇÃO

Amélia Gonçalves  
Dulce Munhoz  
Idalina Mesquita  
Inês Rodrigues  
Joana Almeida

### CATALOGAÇÃO

Fátima Pires

### CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Ana Sofia Sousa  
Amélia Gonçalves  
Beatriz Areias  
Gonçalo Figueiredo  
J. Real Andrade  
Leonor Loureiro  
Margarida Ramalho  
Ricardo Caetano  
Tatiana da Costa Brás

### REVISÃO

Amélia Gonçalves  
Fátima Pires  
Idalina Mesquita  
Inês Rodrigues  
Joana Almeida

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Soartes – Artes Gráficas, Lda

### TIRAGEM

400

### ISBN

978-972-8241-73-5

### DEPÓSITO LEGAL

423759/17

Museu Municipal  
Rua Serpa Pinto, 65  
2600-263 Vila Franca de Xira  
www.museumunicipalvfxira.pt  
38°57´ 11,64" N  
8°59´ 18,10" W

### AGRADECIMENTOS

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e o Museu Municipal agradecem a todos os que de algum modo contribuíram para este projeto expositivo.

### NOTA

As opções ortográficas e os conteúdos dos textos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

---

### ORGANIZAÇÃO:



---

### PARCEIROS:



---

### APOIO:



Companhia das Lezírias

